



# A FILOSOFIA COMO CAMINHO DE LIBERTAÇÃO: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA DA ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO

Philosophy as a Path of Liberation: A Phenomenological Reading of Plato's  
Allegory of the Cave

La filosofía como camino a la liberación: una lectura fenomenológica de la  
alegoría de la cueva de Platón

JAIRO FERRANDIN<sup>1</sup>  
(PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE CAMPINAS)

**Resumo:** O artigo apresenta a interpretação fenomenológica de Heidegger da alegoria da caverna de Platão relatada em sua obra *A república*. Trata-se de uma análise originalmente conduzida no tocante à metodologia utilizada. Ela se propõe refletir sobre temas evocados pela alegoria como verdade, ideia, liberdade e morte, no intuito de superar as representações modernas dos mesmos na direção do seu sentido originário, com o propósito de reencontrá-los na experiência do pensamento grego. O estudo retoma a análise de Heidegger demonstrando que o movimento de acessar a experiência originária da formação dos conceitos constitui-se na liberdade humana do pensar e na tarefa do filósofo como libertador. A análise de Heidegger encontra na sua obra *Ser e Verdade*. As discussões são amparadas pelos estudos de seus principais comentadores. O trabalho indica que a filosofia é, em sua experiência própria, possibilidade da liberdade, já indicada na filosofia de Platão.

**Palavras-chave:** Alegoria da caverna. Platão. Liberdade. Verdade. Ideia.

**Abstract:** The article presents Heidegger's phenomenological interpretation of Plato's allegory of the cave reported in his work *The Republic*. This is an analysis originally conducted with regard to the methodology used. It proposes to reflect on themes evoked by the allegory as truth, idea, freedom and death, in order to overcome their modern representations in the direction of their original meaning, with the purpose of finding them again in the experience of Greek thought. The study takes up Heidegger's analysis showing that the movement to access the original experience of the formation of concepts constitutes itself in human freedom of thought and in the task of the philosopher as liberator. Heidegger's analysis is found in his work *Being and Truth*. The discussions are supported by the works of its main commentators. The present work indicates that philosophy is, in his own experience, the possibility of freedom, already indicated in Plato's philosophy.

**Keywords:** Allegory of the Cave. Plato. Freedom. Truth. Idea.

**Resumen:** El artículo presenta la interpretación fenomenológica de Heidegger de la alegoría de la cueva de Platón que se informa en su obra *La República*. Este es un análisis realizado originalmente con respecto a la metodología utilizada. Propone reflexionar sobre temas evocados por alegorías como la verdad, la idea, la libertad y la muerte, para superar sus representaciones modernas en la dirección de su significado original, con el propósito de redescubrirlas en la experiencia del pensamiento griego. El estudio retoma el análisis de Heidegger, demostrando que el movimiento para acceder a la experiencia original de la formación de conceptos constituye la libertad humana de pensamiento y la tarea del filósofo como liberador. El análisis de Heidegger se encuentra en su obra *Ser y verdad*. Las discusiones están respaldadas por los estudios de sus principales comentaristas. El trabajo indica que la filosofía es, en su propia experiencia, la posibilidad de libertad, ya indicada en la filosofía de Platón.

**Palabras clave:** Alegoría de la cueva. Platón Libertad La verdad Idea.

<sup>1</sup> Docente de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: [jferrandin2@gmail.com](mailto:jferrandin2@gmail.com).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2839-4331>



## Introdução

A alegoria da caverna de Platão se constitui numa narrativa em forma de diálogo encontrada na obra *A República*, livro VII, que, de modo geral, trata do ordenamento básico e da estrutura fundamental da convivência humana – a política. Existem várias interpretações dessa alegoria ao longo da história da filosofia. Ela já foi abordada a partir de perspectivas diversas e com propósitos diferentes para fundamentar temáticas centrais da filosofia. Nesse artigo, procura-se retomar a interpretação fenomenológica realizada por Heidegger da alegoria platônica. E, com essa retomada, procura-se indicar o processo filosófico do pensar como libertação e a tarefa do filósofo como libertador. --A alegoria ilustra o percurso daquele que se liberta da condição sombria para a visão clarividente da realidade e se apresenta como metáfora do caminho filosófico. O propósito é desenvolver uma compreensão da filosofia e do filosofar que possa iluminar a identidade do exercício atual do pensamento.

A interpretação da alegoria se orienta inicialmente pela análise minuciosa do texto realizada por Heidegger (2007) em sua obra *Ser e verdade*. A discussão dos temas reunirá outras obras desse autor e de seus principais comentadores. Para Heidegger, a alegoria fala a partir da força e da originalidade instaurada no âmbito da experiência matricial do pensamento grego. Para realizar uma aproximação desta experiência originária, necessita-se o esforço de superação da concepção presente nos conceitos convencionais discutidos na alegoria que, prévia e historicamente, são estabelecidos pela história da filosofia.

A análise divide a narrativa em quatro partes, demarcando as etapas do processo que se pretende demonstrar.

## 1. A Condição Fundamental do Homem diante da Realidade: A Verdade como Desvelamento

Na primeira parte da alegoria tem-se a descrição da situação de um grupo de prisioneiros acorrentados no interior de uma caverna.

**Sócrates:** Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

**Glauco:** Estou vendo.

**Sócrates:** imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportam: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.

**Glauco:** Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.

**Sócrates:** assemelha-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmo e dos seus companheiros, mais do que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

**Glauco:** Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?

**Sócrates:** E com as coisas que desfilam? Não se passa o mesmo?

**Glauco:** Sem dúvida.

**Sócrates:** Portanto, se pudessem se comunicar uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veriam?

**Glauco:** É bem possível.

**Sócrates:** E se a parede de fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?

**Glauco:** Sim, por Zeus!

**Sócrates:** Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados.

**Glauco:** Assim terá de ser (Platão, 1997, p. 225-226).



A descrição de Platão mostra que os prisioneiros percebem as sombras e não as coisas propriamente ditas. Eles tendem a considerar as sombras como o que é e está sendo realmente. O que se apresenta diante deles é captado simplesmente como o conjunto das sombras dos objetos reais projetados na parede. O detalhe fundamental a ser considerado nessa descrição é que a percepção das sombras dos objetos não é reconhecida *como sombra* pelos prisioneiros. O não reconhecimento das sombras se deve à condição de eles não conhecerem a existência do fogo e de não perceberem a luz que lhes sobrevém de trás de si.

A luz do fogo é o que possibilita a formação das imagens sombrias projetadas na parede. A falta de relação com a luz e com a projeção inviabiliza a distinção entre claridade e obscuridade. Por isso, os prisioneiros não têm à disposição as condições para discernir e designar de sombras aquilo que visualizam na projeção como sendo real. O que os prisioneiros percebem não é a aparência das coisas, mas o próprio ente considerado como a coisa real. Ao desconhecer o fogo, os aprisionados encontram-se impedidos de acesar a pergunta sobre “o que se mostra desvelado”, isto é, o que são as coisas projetadas na parede: eles não reconhecem o desvelado *como* desvelado, nem a diferença entre velamento e desvelamento.

Heidegger considera a descrição da situação dos prisioneiros acorrentados como a referência direta da condição básica e original do ser humano como *ser-no-mundo*, que se encontra diante e junto aos entes que se apresentam de modo geral. Afirma: “ser junto a... permanecer junto a... caracterizam inicialmente um modo, em conformidade com o qual nós, os homens, somos” (Heidegger, 2008, p. 74).

O comportamento básico de *ser-no-mundo* compartilhado entre os homens remete para o que Platão determina como experiência originária da verdade, conservada no termo grego *alétheia*. Em geral, compreende-se por verdade e verdadeiro, aquilo que pode ser aplicado à coisa e ao enunciado. A afirmação verdadeira é o que diz o que algo é. O lugar da verdade é a concordância entre a coisa e o enunciando, como se encontra na expressão *Veritas est adaequatio rei et intellectus*, na história da filosofia. Heidegger (2007, p. 111) define esse modo de compreender a verdade como “correção”, onde o ser verdadeiro reside na coincidência entre a declaração e a realidade, na medida em que seu dizer é regido por ela.

O termo *alétheia*, no entanto, remete para o lugar da experiência grega originária da verdade, anterior às representações correntes. Heidegger (2007) traduz *alétheia* por “desvelamento” (*Unverborgenheit*), portanto, diferentemente da tradução latina de “verdade”, por considerá-la uma forma esquecida da experiência originária. A *alétheia* está vinculada ao caráter de estar-desvelado dos entes. O pensamento grego concebia o ente não como o que simplesmente está aí, mas o que surgia e aparecia saindo do velamento e permanecendo nessa abertura. Nesse sentido, *alétheia* pode ser considerada o espaço de jogo onde se mantém aquilo que é, na medida em que já apareceu e saiu da latência ou ocultação (Zarader, 1990).

O que se mostra deixa atrás de si sua proveniência: a ocultação. A ocultação (*Verborgenheit*) é inerente ao desvelamento. Este movimento pode ser igualmente extraído da composição do termo *a-letheia*. O “a”, mesmo caracterizado como privativo, pode ser duplamente positivo. Por um lado, aponta para o traço essencial do que está desvelado, o ser extraído do oculto; e aponta ainda para a prevalência do velamento (*léthe*) sobre o desvelar.

O velado (*léthe*) é reconhecido por Heidegger (2007) como a essência da verdade, não por mera questão linguística, mas porque pensado à maneira grega, o que é desvelado tem necessariamente consigo o estar velado. Assim, a *alétheia* pode ser definida como o desvelar cuja essência consiste em ser regida por um velamento constante. A *alétheia* é o “desvelamento da ocultação”. Isso significa o descobrimento do ente a partir do ser, no outro, a revelação do próprio ser.

O desvelado é arrancado de uma ocultação, mas neste arrancamento revela-se, quer dizer, desvela-se, essa mesma ocultação, e desvela-se como condição de aparecimento de todo o desvelado. [...] ela é a forma invertida da expressão “ser do ente”: desvelamento da ocultação, quer dizer desvelamento do ente, permitido pelo retiro do ser (Zarader, 1990, p. 83).

A verdade possui sempre uma compreensão prévia, um fundo já sabido de antemão. Já sempre se compreende alguma coisa quando se afirma algo sobre o ente. O fundo é o “aberto” (*Das Offene*), a condição primeira para o que o ente apareça como tal. A abertura não é constituída nem pelo ente nem pela representação, mas é a condição da possibilidade de instauração da relação ou do comportamento (*Verhalten*) do homem com a realidade. A verdade como “correção” só é possível a partir da verdade como desvelamento.

Nesse sentido, verdade não se reduz a uma teoria da verdade, conforme se encontra na epistemologia moderna. A esse respeito tem-se:

É um anacronismo próprio de todo epígono pretender que o questionamento platônico não seja uma boa teoria da verdade, por não proporcionar critérios de distinção entre verdadeiro e falso e, sobretudo, por excluir até a possibilidade de todo critério de verdade. É que a exigência de critérios só se impõe quando e perdeu força criadora e a continuidade das derivações ocupa todos os espaços (Leão, 2010, p. 48).



A situação dos prisioneiros na caverna reflete outro dado fundamental que é a falta de experiência e de relação deles com eles mesmos e deles uns com os outros. Os aprisionados não se percebem a si próprios da mesma forma que eles não percebem as sombras dos objetos *como* sombras. Encontram-se ausentes, com o olhar e a escuta diretamente voltados para os entes que vem ao seu encontro.

Em Heidegger, o relacionamento humano de já sempre encontrar-se junto às coisas que vem *de e ao* encontro é um comportamento constitutivo inerente à sua condição ontológica e não algo simplesmente accidental.

O homem é tal que se atém e se comporta com o desencoberto. Nós designamos este relacionamento do homem como um sendo, como *comportamento e atitude*, com base e dentro do fato de o homem ater-se e comportar-se e, como ser, achar-se em relação com o sendo. O sendo como aberto e patente (Heidegger, 2007, p. 142).

O comportamento imediato e natural do homem é algo estranho e atípico que não encontra seu lugar em espaço algum. Todavia, ele reflete a condição primária do homem no mundo, desde seu nascimento. A análise da existência cotidiana mostra que o comportamento humano se encontra imerso nas ocupações e em seus afazeres.

Com base na primeira parte da alegoria platônica, pode-se conceber que o existir é estar entregue ao imediato e ao usual, esquecido de si e da distinção das coisas. E, esse modo básico de ser e estar no mundo na presença das coisas possui *um saber prévio*, de modo que o existir no mundo não é desprovido de conhecimento, nem excluído de tudo o que se pode saber.

## 2. O Processo de Libertação: Liberdade como Ser Livre De

Na segunda etapa da narrativa pode-se reconhecer a tentativa de libertação dos prisioneiros das amarras a que estão submetidos no interior da caverna.

**Sócrates:** Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçado e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

**Glauco:** Muito mais verdadeiras.

**Sócrates:** E se o forcarem a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Não desviará ele a vista para voltar às coisas que pode fitar e não acreditará que estas são realmente mais distintas do que as que se lhes mostram?

**Glauco:** Com toda certeza (Platão, 1997, p. 226).

A retirada das amarras é o acontecimento em consideração na segunda etapa. Ele se refere diretamente ao processo de libertação e, portanto, à essência do homem.

Heidegger interpreta a retirada das amarras como aquilo que permite aos prisioneiros perceberem o que anteriormente se encontrava às suas costas. Eles visualizam agora as coisas à sua frente como mais verdadeiras do que eram vistas antes. Trata-se do aparecimento de nova forma de desvelamento da realidade dos entes que revela a consciência de fato de encontrar-se amarrado e ter a luz atrás de si.

A nova forma de desvelamento revela que é possível haver desenvolvimento na forma de visualizar as coisas. Há um comparativo que estabelece graduação entre uma forma e outra de desvelamento e que pode se desdobrar em níveis: o primeiro e o mais derivado é a verdade predicativa, a retidão do juízo; posteriormente, tem-se a verdade ôntica, o próprio estar-descoberto do ente; a liberdade como deixar ser o ente na sua verdade ôntica, tal como é; e, por fim, a verdade ontológica. Heidegger (2007) faz referência a uma comparação qualitativa que avalia as coisas desveladas, considerando-as de modo diverso. No caso dos prisioneiros, a nova forma de desvelamento não amplia a visão sombria, mas revela novo modo de ver o ente. Ambas são desencobertas e se tornam acessíveis aos prisioneiros como propriedade que lhes é fundamental.

Nesse sentido, a experiência da verdade e do ser verdadeiro não é algo genérico ou indiferente a todos, mas algo de pode ser apropriado de modo diferenciado.

Nem todo mundo tem o mesmo direito e a mesma força para toda e qualquer verdade. Toda verdade tem seu tempo. Certas verdades, certos homens e certos tempos amadurecem e sazonom. Não é pos-



sível falar tudo para todos sobre tudo. A verdade tem seu grau, seu nível e sua nobreza, e cada vez da maneira em que o próprio homem é digno e merece estar numa proximidade e numa distância face ao sendo (Heidegger, 2007, p. 148).

Assim, a proximidade ou distanciamento com as coisas depende do modo como o homem se transforma existencialmente. Essa transformação promove a graduação da verdade, do desvelamento do ser. Estar próximo ou estar distante altera a visão do ente. Voltar-se para o ser mais verdadeiro, para o mais ser, é ver de forma mais correta. Trata-se da verdade como adequação do visualizar, a qual acontece mediante o voltar-se para a proximidade do ser.

A alegoria menciona que os prisioneiros que viram a luz retornam novamente para a sombra e a consideram algo mais verdadeiro. Esse movimento atrai o questionamento: o que os reconduz para o sombrio? Heidegger responde que é o apelo à adaptação isenta de esforços o que mobiliza o retorno dos prisioneiros.

Ele se move no âmbito do que ele pode, do que não lhe causa esforço, do que vai e se dá por si mesmo; move-se no espaço do que não exige força, do que lhe é corriqueiro e ordeiro. Critério de sua avaliação é a manutenção de um estado tranquilo sem expor-se a qualquer exigência ou necessidade (Heidegger, 2007, p. 148).

Algo decisivo ocorre nesse momento com relação ao processo de libertação dos prisioneiros. Platão mostra que não é suficiente para o ser humano ter suas amarras retiradas para poder ser considerado livre. A libertação não consiste na simples remoção das condições aprisionadoras, de modo que a retirada repentina das amarras não se mostra eficaz para promover a cura e nem o reconhecimento de que o que se visualizava anteriormente era o aspecto sombrio da realidade. A mudança repentina que transfere o prisioneiro do sombrio para o iluminado lhe ofusca os olhos. E por não dispor de comparação não suporta o brilho doloroso das coisas, preferindo voltar ao suportável costumeiro sem luz. É o apelo de retornar à tranquilidade.

Portanto, nessa etapa, a alegoria mostra que a promoção efetiva do processo libertador não é a simples remoção do que aprisiona. O movimento proveniente do exterior é insuficiente para fomentar a transformação do ser humano em sua interioridade, no seu modo próprio de ser e seu querer. O prisioneiro quer o não-querer da transformação; se desvia, se esquiva e se retrai diante do apelo e da solicitação que exige uma mudança de si mesmo. Com isso, ocorre também o afastamento da compreensão de que o ser humano em qualquer situação é um ser que busca realizar-se a si mesmo.

### 3. O Processo de Libertação: Ser Livre Para

A terceira etapa da alegoria menciona a segunda tentativa de libertação, considerada por Heidegger o libertar-se em sentido próprio e mais originário. Segue o relato:

**Sócrates:** E se o arrancarem à força da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até a luz do sol, não sofrerá viva mente e não se queixará de tais violências? E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que ora denominamos verdadeiras?

**Glauco:** Não o conseguirá, pelo menos de início.

**Sócrates:** Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a clareza dos astros e da luz, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu do que, durante o dia, o sol e a sua luz.

**Glauco:** Sem dúvida.

**Sócrates:** Por fim, suponho eu, será o sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como é.

**Glauco:** Necessariamente.

**Sócrates:** Depois disso, poderá concluir, a respeito do sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros na caverna.

**Glauco:** É evidente que chegará a essa conclusão.

**Sócrates:** Ora, lembrando-se da sua primeira morada, da sabedoria que aí se professa e daqueles que aí foram seus companheiros de cativo, não achas que se alegrará com a mudança e lamentará os que lá ficaram?

**Glauco:** Sim, com certeza, Sócrates.



**Sócrates:** E se então distribuíssem honras e louvores, se tivessem recompensas para aquele que se apercebesse, com o olhar mais vivo, da passagem das sombras, que melhor se recordasse das que costumavam chegar em primeiro ou em último lugar, ou virem juntas, e que por isso era o mais hábil em adivinhar a sua aparição, e que provocasse a inveja daqueles que, entre os prisioneiros, são venerados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero, não preferirá mil vezes ser um simples criado de charrua, a serviço de um pobre lavrador, e sofrer tudo no mundo, a voltar às antigas ilusões e viver como vivia?

**Glauco:** Sou da tua opinião. Preferirá sofrer tudo a ter de viver dessa maneira (Platão, 1997, p. 226-227).

A continuidade da narrativa descreve o prisioneiro que, livre de suas amarras, é arrastado para fora da caverna e levado para a luz do dia. O “fora”, significa o que se encontra no mundo suprassensível, na esfera celeste, o sol como o lugar da ideia propriamente dita. Ao alcançar a claridade se lhe torna possível realizar novas experiências dos fenômenos, de imagens refletivas; por fim, a luz do dia e o sol.

A liberdade ocorre na parte exterior da caverna, concomitante a mudança de atitude do ser humano. Tal mudança se processa em ritmo lento e contínuo, em consonância como que exige o processo adaptativo. Para ultrapassar os diversos degraus e alcançar a liberdade, exige-se do homem coragem e persistência. Ele precisa empenhar para enfrentar a tendência de retroceder ao lugar confortável de onde partiu. O homem precisa se familiarizar com o que existe fora do espaço da claridade e com a luz. Menos com as coisas.

A reeducação consiste em orientar a visão (comportamento) para o que é similar ao já existente na caverna. Por isso, o prisioneiro se volta para as imagens refletidas por não compreender a luz e o sol. Vê-se melhor a lua e as estrelas, visíveis à noite, como forma de aproximação à luz amortecida.

A transformação do olhar adapta os olhos para visualizar o que se mostra de dia e, finalmente, o sol, como fonte de luz. O sol não representa simplesmente o astro cósmico ou a luz, mas está relacionado ao ritmo do tempo. O sol é sua luz, fundamento do ser, do tempo e de tudo o que dele depende para existir. O sol permite chegar ao homem à totalidade das coisas na sua presença iluminada, incluindo outras fontes de luz, como o próprio fogo na caverna.

Nessa etapa, a liberdade é descrita não como o simples livrar-se das coisas que aprisionam e sair da situação da caverna. O processo de libertação aparece como movimento violento que utiliza da força e, ao mesmo tempo, mobiliza a resistência do libertado que insiste em conservar a condição anterior. A subida é acidentada e demanda um penoso esforço até alcançar a luz do dia, ultrapassando, inclusive, a luz artificial (fogo) do interior da caverna.

Para Heidegger (2007, p. 153), essa característica da liberdade perfaz o modo grego de estar na existência, a saber, como “uma luta ingente e monstruosa, com poderes estranhos e sinistros”. A experiência originária da *alétheia* incide sobre os traços particulares do humano grego. O fundo oculto – o velado – não se manifesta primeiramente no homem. O grego experimenta o velado como um dom perigoso, uma partilha incompleta, um combate incessante entre luz e sombra (Haar, 1990).

O homem grego não faz comparecer o ente sobre ele, não o conduz para si. O ente é o que se abre e se expande na direção do homem; não há perguntas sobre o eu, sobre a subjetividade, nos moldes modernos. Ele vive na abertura do fenômeno, dialoga e entende; deixa-se requerer e interpelar pelos fenômenos, obedecendo a sua coerência interna ou a unidade conflitiva própria. “A descoberta imediata e maravilhada da presença do ente não depende da interiorização humana, nem do olhar do homem sobre o ente” (Haar, 1990, p. 196). Olhado pelo ente, o homem é conduzido para a abertura do ser em seus contrastes e dissensões. É levado para a compreensão, para o entendimento, por esse olhar vindo do ser e que não difere da sua própria luz, a *Lichtung*, sem a qual não se pode ver.

Há uma relação íntima entre ideia e luz (sol), no sentido de que a *ideia* é condição para a compreensão do ser das coisas, da mesma forma que a claridade do sol possibilita a visão das coisas no seu aparecer. O termo *ideia* (*eidein*) é traduzido em latim por *videre*, ver e o que é visualizado na visão. Ver não é o simples comportamento do olhar ou do captar alguma coisa com os olhos. O olho como tal não vê, embora a visão de algo envolva certamente o órgão físico. O aparelho visual é apenas a passagem para a visão. O teórico é aquele que vê. O saber em geral, tanto o teórico quanto o comum se orienta pelo ver, fenômeno fundamental da ideia e do que é visualizado.

O “ver” está relacionado à “ideia”, isto é, ao visualizado, ao percebido e apreendido *na e pela* visão, com auxílio do olhar. O modo como alguma coisa se oferece ao olhar é aquilo em que a coisa se apresenta, expõe o estar presente de si mesma, sua vigência no aberto, no ser. Nesse sentido, a ideia – forma verbal de *eidos* – é o perfil de alguma coisa, a forma como se apresenta, se oferece, se mostra e se faz ver. Ideia é, portanto, o ser de determinada realidade (Buzzi, 1998).

Nesse sentido, ideia é algo fundamental na concepção de homem e na experiência originária de ser entre os gregos. Para Platão, ideia não significa simplesmente conceito ou conteúdo de significação. Ela não é igualmente a noção, a representação, a imagem ou modelo paradigmático de alguma coisa criada subjetivamente pela mente humana. A teoria das ideias não é algo platônico, mas o resultado de uma incompreensão que impede a captação inicial da *alétheia* (Leão, 1990). Ideia como aquilo que é visualizado antecipadamente, que constitui o perfil que as coisas oferecem à visão, o que de antemão já se tem em vista



na apreensão, captação ou compreensão de determinada realidade. Ela abre espaço para a *alétheia* do nada criativo de tudo o que vem a ser.

Ideia não é doutrina, teoria, nem conhecimento, no sentido da ciência, nem representação ou conceito no sentido da lógica ou do cálculo. [...] É, antes, o nada criativo de tudo isso. [...] Toda recepção recebe e todo empenho se empenha na liberdade da ideia pela verdade da ideia de ser e não ser tudo que se tem/ou e não se tem, tudo que se devém/ou e não se devem (Leão, 2010, p. 206).

Não é possível conceber “ideia em si e por si”, nem mesmo o “mundo das ideias” como um lugar. A essência da ideia refere-se sempre ao ver, à visão. É característica da ideia, o ser visualizado pelo ver, diferentemente da experiência direta das coisas. As coisas são dadas, ao passo que as ideias são apreendidas na visão.

A alegoria mostra que o prisioneiro deve ser conduzido para fora de sua condição a fim de contemplar a luz. Há, aqui, uma relação estreita entre ideia e luz. A luz é símbolo para a ideia. Luz não é um fenômeno que possui o modo de ser da coisa em geral. A experiência direta do fenômeno remete ao que se oferece como aquilo que se possui antecipadamente na ordem da claridade ou escuridão. Não é possível captar a luz como objeto ou conteúdo da percepção sensível pelos órgãos físicos. Apesar de todas as tentativas de compreender a luz pelas teorias eletromagnéticas, não se obtém um entendimento suficiente.

Não há condições de iluminar e esclarecer a essência da luz. É que não se trata de mudanças periódicas de estado, nem de captar e apreender o processo como processo de movimento, mas trata-se da claridade e da luz em que nós homens nos movemos, trata-se da essência da luz nela mesma. Só captamos a luz quando nos atemos ao fenômeno, e referido à nossa visão natural, a nossa maneira de olhar (Heidegger, 2007, p. 163).

A luz está relacionada com o claro e o escuro enquanto condições de possibilidade para que algo possa ou não ser visto. Claridade e escuridão são vistas antecipadamente às coisas permitindo que elas sejam visualizadas. Claridade é o que permite a visão de determinada realidade. É ela que ilumina e procede do fundo obscuro de onde surge constantemente para dele se destacar e aparecer como aquilo que é. A claridade é regida pelo obscuro; este lhe possibilita ser, a constitui e é condição para sua essência.

A claridade procedente do obscuro é, de certa forma, uma maneira desse obscuro vir à luz e de se propor ao pensamento, embora permaneça obscuro e justamente porque permanece. A claridade bebe da escuridão e, ao mesmo tempo, é um modo próprio do escuro aparecer. As coisas são vistas na luminosidade. No escuro, nada se pode ver. Em toda a percepção da luz, a claridade e a escuridão já sempre foram vistas previamente. A essência da claridade é a transparência que proporciona a permeabilidade e a travessia para determinada realidade (Heidegger, 2007). A visão vê alguma coisa atravessando a claridade. Ser claro é ser penetrante, possibilitar a transparência de forma mais originária do que qualquer outra coisa transparente (vidro) que precisa de luz para transparecer as coisas. O escuro, por sua vez, é o limite da claridade; ele bloqueia a passagem do olhar.

Assim, da mesma forma que a luz permite ver a coisa, a ideia possibilita a visão prévia do ser de determinada realidade. Ambas proporcionam a captação de algo singular em sua universalidade concreta. Contemplar as ideias é algo mais originário, pois capta a compreensão antecipada do ser de cada realidade, permitindo ao homem habitar e comportar-se entre os entes e reconhecer-se como um si mesmo diante do outro. O conhecimento está orientado pelo ver e pela luz.

A ideia é o ser em sentido próprio, o desvelamento em sentido supremo.

Elas são, por assim dizer, a vanguarda da verdade, propriamente dita, preparam o terreno para se fazer a experiência e moldar de antemão para si uma determinada ideia, uma figura, o cumprimento e a realização de um esboço. É o que possibilita mostrar o perfil das diversas coisas e como se deve compreender as diversas coisas singulares (Heidegger, 2007, p. 179-180).

Heidegger refere-se à visão das ideias como comportamento criativo inerente ao ser humano.

A verdade e a abertura do que propriamente é não se dão em si, como não há ideias em si, mas a abertura se dá e só se dá numa conexão intrínseca e essencial com o homem. Somente enquanto o homem existe, numa determinada história, é que se dá sendo e acontece a verdade. Não há nenhuma verdade em si, mas verdade é sempre decisão e destino do homem, é algo humano (Heidegger, 2007, p. 181).

As ideias realizam o primordial que fornece o primeiro acesso à experiência da singularidade do real em si mesmo. Elas são o verdadeiro, doam o ser e a passagem da mesma forma que a luz transparente permite visualizar cada coisa.

Assim, só é possível constatar uma coisa como ela é mediante o saber e o compreender antecipado do que ela é. A compreensão prévia é condição da possibilidade de ver algo como algo. Trata-se de um saber



característico que precede às próprias coisas. Esse saber torna acessível a realidade que se apresenta e é dada a conhecer, dessa ou daquela maneira.

O cotidiano do ser humano, em geral, encontra-se entregue às coisas. Seu comportamento usual pressupõe que a visão de determinada coisa provém simplesmente do fato de depositar sobre ela o olhar. Essa atitude da presença humana no mundo desconhece por completo que em toda a experiência e realização já se possui um saber prévio sobre o que as coisas realmente são (Heidegger, 2008). Assemelha-se à condição dos aprisionados na caverna, entregues às sombras, sem a possibilidade de contemplar o fogo e a luz.

A concepção prévia é condição para todo o saber em geral, desde a apreensão direta e imediata até o comportamento científico. O saber científico moderno funda-se numa visão prévia da essência do real e numa determinação do ser da natureza conforme se verifica no projeto físico-matemático de ciência em Galileu.

Uma nova posição básica e uma nova atitude fundamental diante da realidade, a saber, o fato de ele haver estabelecido, pela primeira vez, antes de todo o qualquer experimento, antes de toda e qualquer matemática, antes de toda e qualquer questão ou determinação o que deve pertencer à essência de toda natureza, constituindo como princípio dos fenômenos naturais um sistema de momento no espaço e no tempo para os corpúsculos, isto é, as unidades de massa por uma concepção prévia de realidade, instituiu o que deve ser uma natureza (Heidegger, 2007, p. 171).

A captação desse esboço prévio a esse projeto antecipador é, portanto, o que torna possível visualizar em sua singularidade o sentido da realidade. A alegoria indica que a liberdade é o comprometimento com esse comportamento de captação das ideias. O empenho não é apenas uma decisão particular do indivíduo, mas também a condição do modo e do projeto histórico do ser no mundo.

A descrição do processo de libertação dos prisioneiros permite distinguir estágios da experiência de liberdade. A segunda etapa da alegoria apresentou a libertação como “retirada de alguma coisa, libertar-se de algo, já não estar preso a e por alguma coisa” [...] “significa soltura, desligamento, estar livre de”. A liberdade, nesse sentido é algo negativo. A tendência é a de que o processo resulte em desorientação. O sentir-se desorientado reconduz novamente à condição anterior que oferece apoio, segurança e constância. O liberto tende a reaver tudo aquilo de que sentia falta na vivência anterior ao libertar-se das coisas.

A libertação descrita na terceira etapa da alegoria é um estágio da liberdade muito mais profundo. Libertar-se não é apenas estar livre de, mas orientar-se de uma situação para outra, na direção de algo – da caverna para a luz. A libertação implica no ato de adesão, de deixar ser (*sein lassen*) do ente, não como ação do tipo técnica operada sobre ele, como manipular, organizar, transformar, mas remeter-se ao aberto, à *alétheia*. O deixar ser consiste num recuo perante o ente e, ao mesmo tempo, uma exposição ao seu ser descoberto. Livre é todo comportamento que se transpõe para o aberto e se realiza pelo homem como *ek-sis-tência* e pelo seu movimento extático (Haar, 1990). A liberdade como exposição ao desvelamento é prévia a todas as definições tradicionais de liberdade, de livre-arbítrio ou escolha, da ausência de constrangimento, disponibilidade com relação a algo imposto externamente.

Nesse sentido, a liberdade realiza a essência da *alétheia* – o desvelamento do ente. A liberdade se revela no deixar ser, mas não é produzida por esse comportamento humano. O deixar ser aparece como mediação entre *alétheia* e liberdade “empírica” do comportamento humano. Todo comportamento humano e suas posições acontecem no aberto da *alétheia*. A liberdade como adesão demanda uma progressiva adaptação e familiarização com o que ilumina e gera as coisas.

A libertação em sentido positivo exige o comprometimento com tudo o que é exigido pelas coisas. Ela ocorre como elevação para as ideias, no sentido de captar o perfil, a compreensão própria do que as coisas são em si mesmas; a ligação para o essencial de tudo o que é. O tornar-se livre implica diretamente aprofundar-se na lei essencial das coisas. Dito de outro modo, quanto mais o ser humano se aproxima do ser das coisas, tanto mais se torna aquilo que é.

O aberto da *alétheia* possibilita também a não-verdade, ou seja, a insistência em conceber e tratar o ente como representação. A não-verdade, porém, não é desvio arbitrário, incapacidade ou falta de inteligência humana, mas o não estar de acordo com o desvelamento do ente, tornada possível pelo fato de já estar na abertura da *alétheia*.

## 4. A Filosofia como Liberdade e Finitude

O quarto estágio da alegoria da caverna descreve o desfecho da história. O fim não é indiferente ou de menor importância, mas fornece elementos decisivos inerentes ao processo de libertação e à questão da existência humana e da filosofia.

**Sócrates:** Imagina ainda que esse homem volta à caverna e vai sentar-se no seu antigo lugar: não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao se afastar brusca e repentinamente da luz do sol?

**Glauco:** Por certo que sim.



**Sócrates:** E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vida confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se a alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo?

**Glauco:** Sem nenhuma dúvida (Platão, 1997, p. 227-228).

O relato retrata o retorno daquele que foi libertado para o interior da caverna. Aquele que se conduziu para fora, até a luz, é o filósofo. Platão define o filósofo é alguém que procura o ser, a ideia do real; aquele que busca a luz, a claridade, a ideia que permite visualizar o ente em sua totalidade.

A partir da alegoria se depreende a atribuição do filósofo como libertador. Aquele que foi libertado tem a tarefa de promover o processo de libertação de quem se encontra preso no interior da caverna e desperta para a luz. Só aquele que saiu da caverna e empreendeu sua jornada de libertação na direção da luz poder retornar e libertar os demais moradores que são incapazes de ver a sombra como sombra, embora sua condição os coloque na verdade inicial do já desvelado.

A descida ao interior da caverna não consiste no embate ou no enfrentamento com aqueles que lá se encontram. O filósofo é aquele que vê algo diverso dos demais; ela sabe da existência da luz, reconhece a sombra como sombra e distingue o real do aparente. Por isso, sua descida entre os que se encontram prisioneiros, possibilita que um ou outro que reconheceu a necessidade de buscar a libertação, se disponha ao caminho de buscar a ideia do real por si próprio.

O retorno é uma exposição direta ao destino. Isso significa que o filósofo se submete ao julgamento e à decisão daqueles que dispõem do poder e decidem os rumos comuns da existência cotidiana compartilhada entre os homens. Sócrates é o exemplo e a vítima dessa sorte. O filósofo não consegue conviver com a cotidianidade da caverna, o que o transforma num ser solitário. O filósofo é companheiro da solidão. Ser solitário não significa isolamento subjetivo ou vivência isolada da presença dos outros. A existência humana, em determinado sentido, é sempre uma existência compartilhada com outros seres humanos, estando eles presentes ou não. Por isso, solidão é “um modo possível e específico de ser e estar com os outros” (Heidegger, 2008, p. 123). Ela se caracteriza pela disposição e pelo esforço da escuta da manifestação do ente para além dos padrões e conceitos pré-determinados. O solitário é íntimo ao velado e se predispõe a corresponder a ele (Buzzi, 1998).

A existência compartilhada com os outros é condição da possibilidade da solidão, entretanto ela não é constitutiva para o ser e para o encontrar-se junto aos entes em seu desvelamento. Nesse sentido, o desvelamento do ente, em seus níveis diversos, não é necessariamente compartilhado por todos. Uma coisa é encontrar-se já sempre junto a outros homens, numa existência compartilhada; outra coisa é o modo como os homens compartilham a verdade e encontram-se junto às coisas (Heidegger, 2008). Por isso, a solidão é uma forma de ser e estar na verdade, diferentemente constituída. É uma forma possível de desvelamento da realidade.

Existe uma dificuldade inerente ao exercício do pensar. Viver como filósofo se contrapõe ao posicionamento e ao comportamento da grande massa. O fenômeno da massificação retrata a condição básica que impede de ver além do imediato e usual; é a característica da situação inicial na qual os prisioneiros são encontrados pelo filósofo.

A caracterização do filósofo aparece também na palavra grega filosofia (*philo – sophia*). O verbo *philein* quer dizer corresponder ao logos; *sophon*, a aspiração de recolher o ente na sua totalidade. O sábio (*sófos*) não é simplesmente aquele que detém o conhecimento, desenvolve competências intelectuais e acumula saber sobre as coisas. O sábio é aquele que se detém junto à realidade, por tê-la experimentado como processo de libertação. É o amigo (*filos*) que tem o impulso de assumir esse processo como tarefa existencial. “Alguns se fizeram a caminho na sua direção, quer dizer, do *sophón*. Estes se tornaram por isto aqueles que tendiam para o *sophón* e que através de sua própria aspiração despertavam nos outros homens o anseio pelo *sophón* e o mantinham acesso” (Heidegger, 2006, p. 22).

O saber filosófico é, deste modo, determinado em sua essência. Isso pode ser observado na sua diferença com o saber comum e com o saber científico. No caso da ciência, ela possui objeto determinado e opera o saber no âmbito de um horizonte circunscrito da realidade. A filosofia não possui objeto próprio. Ela é anterior a qualquer ciência e se constitui como modo de ser e de estar na existência humana.

A narrativa da alegoria de Platão culmina com a temática da morte. Evidentemente que Platão tem como pano de fundo a morte de Sócrates, sugerindo que destino de todo filósofo é a morte. Esse fenômeno deve ser levado consideração. A morte não envolve diretamente o fato de morrer. Morrer não se refere apenas ao término biológico da vida ou inevitabilidade da morte como presença para o homem durante toda sua vida. Morrer implica na questão de como se conduz a existência no mundo.

Heidegger concebe a morte como *ser-para-a-morte* no sentido de que o ser humano vive a morte como antecipação. A perspectiva da morte perfaz o elemento integral e decisivo para toda a existência humana. Ela representa a exclusão radical e definitiva do ser humano da comunidade humana. Existir é buscar um sentido em meio às possibilidades ser, e que o homem não dispõe de uma vida completa ou



possibilidades dispersas e abstratas. O homem deve assumir uma possibilidade de ser como expressão de liberdade da possibilidade mais própria.

O caminho de libertação descrito pela alegoria da caverna mostra o ser do filósofo. “O filósofo é um libertador e só é filósofo como libertador”. Ser livre não consiste em habitar no interior da caverna e nem situar-se fora dela, no âmbito da luz. Ele participa da história de todos os homens e da comunidade na qual ontologicamente compartilha.

Todos os homens são filósofos, caso pretendam existir propriamente como homens. Isso é verdade na medida em que, entre muitas outras possibilidades de existir, ser filósofo significa o modo fundamental em que o homem está e se relaciona com a totalidade do que é e está sendo e com a história do próprio homem (Heidegger, 2007, p. 195).

A existência filosófica é, portanto, o trânsito, a passagem da sombra para a luz. A passagem constitui a própria história do homem, o destino no qual ele não pode ser livrar ou deixar de interessar-se por ele. É o dom de sua finitude. A finitude implica que ao existir o homem desvela o mundo para si mesmo e lança as bases para a própria existência, a qual nunca se encontra totalmente sobre seu poder, mas é vivida de modo inseguro, como todo caminho de libertação.

## Considerações Finais

O artigo expôs a análise fenomenológica de Heidegger da alegoria da caverna de Platão. Como demonstrado, a interpretação heideggeriana procurou acessar a experiência grega originária no interior da qual Platão propôs a alegoria. Este acesso foi possível pela análise de temas importantes da história da filosofia, como verdade, ideia, liberdade e morte, orientadas metodologicamente pelo movimento fenomenológico. A fenomenologia possibilita reconduzir a compreensão fixada dos conceitos da visão filosófica convencional para a experiência de origem dos mesmos. Esse exercício mostra que a libertação da realidade ocorre mediante o acesso à sua experiência originária; trazer à claridade o oculto de todo real é o processo constitutivo do movimento do pensar. Assim, o pensador é o libertador na medida em aproxima o ser humano na experiência originária libertadora do ser. E, desde forma, ele se reaproxima da experiência que deu origem ao pensar.

## Referências

- Buzzi, A. (1998). *Introdução ao pensar. O ser, o conhecimento e a linguagem*. 25ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Haar, M. (1990). *Heidegger e a essência do homem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Heidegger, M. (2006). *Que é isto – a filosofia?*. Petrópolis: Vozes/São Paulo: Duas Cidades.
- Heidegger, M. (2007). *Ser e Verdade. A questão da filosofia; a essência da verdade*. Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: Edusf.
- Heidegger, M. (2008). *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Leão, E. C. (2010). *Filosofia grega: uma introdução*. Teresópolis: Daimon Editora.
- Piaget.
- Platão (1997). *A república*. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- Zarader, M. (1990). *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Instituto Piaget.

Recebido em 10.12.2019 – Aceito em 22.02.2020